

O descalabro na saúde

29 ABR 1993

Os funcionários do Hospital das Clínicas completaram uma semana de greve porque 6,5 mil dos seus 10,5 mil funcionários recebem salário de Cr\$ 2,8 milhões, ou seja, cerca de US\$ 80 mensais por jornada de oito horas. Porque nada é diferente no Instituto Emílio Ribas, os servidores param horas e ameaçam aderir ao movimento. No Instituto Adolfo Lutz, só está funcionando, de fato, o plantão da cólera. Esses problemas não estão restritos ao "quadrilátero da saúde" e os seus 5 mil doentes por dia; o pronto-socorro do Hospital do Mandaqui, na Zona Norte da Capital, parou. Motivo: os médicos residentes cruzaram os braços e o atendimento de 11,5 mil crianças por mês foi interrompido.

Essa situação é incompatível com o potencial arrecador deste Estado. O colapso do hospital da periferia ocorreu não por falta de médicos. Estes se foram há muito, porque o salário é de Cr\$ 3,6 milhões por mês! Quantos países no mundo remuneram um médico com cerca de US\$ 100? Os residentes aceitam porque consideram embutida no salário a possibilidade de aprender, exercendo uma medicina supervisionada por profissional experiente. No Hospital do Mandaqui, a "experiência" se foi quando acabaram as "condições básicas de atendimento" e até os residentes tomaram uma atitude.

Para entender o que significa o término das condições básicas, basta saber que as unidades de terapia semi-intensiva do hospital com capacidade para quatro doentes foram primeiro adaptadas para atender a nove, mas estavam atendendo a 13, "com apenas um médico e duas enfermeiras"!

Nada é diferente no interior

do Estado, que convive por exemplo com uma média de 1.600 mortes ao ano por doença de Chagas, com a malária presente em todas as regiões do Estado; com a esquistossomose (média de 15 mil casos por ano) ou com a leishmaniose, com a monotonia macabra de sempre, fazendo suas vítimas por toda a região central do Estado mais rico da Federação.

Nesse quadro será que estamos preparados para receber a "visita" do vibrião colérico? Se levarmos em conta o exemplo de São Vicente, cuja prefeitura tinha recebido até segunda-feira apenas "500 frascos de hipoclorito" dos 10 mil prometidos pelo governo, vemos quão precária é a situação. Porque as verbas são precárias se resolveu enfrentar o vibrião apenas com o verbo. Os frascos de cloro ficam disponíveis para os interessados nos centros de saúde e as favelas da cidade receberão apenas visitas de bem-intencionados que esclarecerão a população dos riscos e da prevenção da cólera.

Os médicos já desistiram, por causa do salário, de cuidar da saúde popular trabalhando para o governo paulista. Os homens de boa vontade, ainda não. O único problema é saber até quando dura a boa vontade.

